



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

A corrupção das palavras

O cineasta Glauber Rocha e o jornalista Paulo Francis se conheceram por meio de um duelo. Francis era crítico de teatro na *Última Hora*, no Rio, e escreveu um texto desancando o trabalho desenvolvido pelo diretor Martin Gonçalves em Salvador, a quem acusava de provincianismo.

Glauber tinha pouco mais de 20 anos, era ilustre desconhecido fora de Salvador, mas tomou as dores de Martin, publicou o artigo *Tope a parada, mister Francis*, no Suplemento

Dominical do *Jornal do Brasil*, editado por Reynaldo Jardim. E provocou Francis a conhecer o trabalho de Martin em Salvador: “Por sermos baianos não somos cretinos como você pensa. A fonte da juventude não está nos bares e muito menos nesta angústia diária de ler jornais estrangeiros e aspirar Nova York ou Paris e se frustrar novamente em sua profissão de crítico, que seria digna caso fosse honesta e interessada no seu país. Como pode, então, uma pessoa acusar outra de diletante e alienada, se ela mesma acha que o centro do mundo é o Rio ou São Paulo”.

Francis considerou o artigo tão bem escrito que não respondeu e ficou amigo de Glauber até o fim da vida. Imagine nos dias de hoje alguém que se torne amigo de outro por causa de uma

divergência cultural ou política. É algo completamente improvável. Lembrei do embate por causa das falsas polêmicas que nos assolam. No caso de Glauber e Paulo Francis estava em jogo o debate ainda atual sobre a dominação dos grandes centros urbanos sobre os centros regionais.

Nós temos uma tradição de grandes polemistas: Oswald de Andrade, Gilberto Freyre, Nelson Rodrigues, Joaquim Nabuco, Rui Barbosa, José Guilherme Merquior. A campanha de Nabuco pela abolição é memorável.

E, no campo da música popular, o duelo de Wilson Batista e Noel Rosa girou em torno do tema da malandragem: “Malandro é palavra derrotista/que só serve pra tirar todo valor do sambista/proponho ao povo

civilizado/não chamar de malandro/ e sim de rapaz folgado”.

E, para puxar para o presente, é possível serem chamadas de polêmicas as batalhas poéticas dos rappers nas praças. Elas compõem um balé de inteligência, improviso e verve. Mas não é possível dizer o mesmo sobre as falsas pendengas atuais. A imprensa tem feito um trabalho muito importante durante a pandemia. Se não fosse ela, aliada à ciência, a situação seria ainda mais grave.

No entanto, parece-me que alguns colegas se equivocam em qualificar de polêmicas atitudes e manifestações que são expressões apenas de ignorância, falta de educação, tolice, insciência, estupidez ou asnice. Com isso, papalvos de carteirinha são alçados à condição

de grandes polemistas. Ganham o status de grandes intelectuais.

Eu pergunto: o que há de polêmico em praticar racismo, desmontar estruturas de fiscalização do meio ambiente, atacar as mulheres covardemente, negar a singularidade dos povos indígenas, fazer manifestações contra a democracia ou recusar-se a usar a máscara em uma pandemia? O que tem de polêmica a campanha negacionista contra as vacinas? Nada. É, simplesmente, uma mentira perigosa.

Precisamos reabilitar a dignidade das palavras. Contendas que não tenham nenhuma ideia em jogo não podem ser nomeadas de polêmicas. O primeiro passo é chamar os fatos pelo seu nome verdadeiro. Como diria o polemista Rui Barbosa: “Em vez de evoluir, retrogradamos”.

TEMPO / Fim de semana com baixa possibilidade de chuvas marca início de novo período climático na capital federal

Ed Alves/CB



Nova estação promete fim às tempestades e mais dias de sol até a chegada do inverno

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Com o fim do verão, flora do cerrado começa a se preparar para os efeitos da baixa umidade

A serena chegada do outono

» PAULO DAVI ALVES*

O outono começa, oficialmente, amanhã. Por volta das 12h30, com o equinócio no Hemisfério Sul, é o fim do período de oscilações térmicas bruscas, dos dias alternados entre sol forte e tempestades. Entretanto, os brasilienses ainda terão chuvas acima da média, alta umidade e flora viçosa por mais um tempo, antes da estabilidade da estação que, tradicionalmente, apresenta paisagens menos vibrantes à capital federal, queda das folhas de algumas espécies e horizonte de terra marrom. Em contrapartida, é um dos momentos em que o céu límpido da cidade garante ótimas condições de observação da lua, que segue cheia até a próxima quarta-feira. Uma sábia transição natural até a chegada do inverno seco.

O meteorologista Francisco de Assis, do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), acredita que as precipitações devem ocorrer até abril. “As temperaturas naturalmente começam a cair e é mais sentido na segunda quinzena de maio, quando massas de ar frio vindas da região Sul do país vão interferir na queda da temperatura. Essa queda pode ser sentida pelas chuvas, que deverão cair acima do normal esperado para o mês que vem, quando são esperados 133mm. Essa é uma boa notícia, tendo em vista o inverno seco que temos, pois com mais chuvas se mantém a umidade relativa do ar e retarda a secura sazonal do período”, afirma.

Conforme as estimativas, o outono deste ano deve manter os índices de chuva e temperatura muito próximos aos do ano passado. “Esta é uma estação muito suave por aqui: na verdade, o que indicaria uma negatividade do outono seria se as precipitações cessassem antes, mas não é esta a previsão”, detalha Francisco. Sobre os verões de 2020/2021 e 2021/2022, ele descreve as diferenças pluviométricas: “Certamente choveu mais neste verão do que no verão anterior, além de

ter feito mais calor também. Isto certamente reflete nos índices de chuva que podem superar a média do outono”, observa.

Novas cores

Com o cessar inevitável das chuvas, durante o outono, as árvores tendem a se preparar para o período de estiagem, e expressam a mudança em tonalidades próprias para a sobrevivência da espécie. O mestre em ecologia Davi Ramos explica as mudanças. “Como o outono é uma estação marcada pelo fim do período chuvoso e de quedas nas temperaturas, o clima torna-se mais ameno e seco. Com isso, a vegetação busca formas de sobreviver a estas novas condições e uma delas é a mudança na coloração ou mesmo a perda da cor das folhas. É uma adaptação da planta para minimizar o consumo de água em tempos de escassez, à medida que avançamos ao inverno”, detalha.

A transição de cores da flora brasiliense é típica do cerrado. “É um bioma que tem boa adaptação a secas, por isso é comum vermos as árvores perderem as folhas e a grama adquirir uma coloração mais amarelada, como se estivesse morta, mas não está”, relata. Davi ainda descreve a mudança no comportamento hidrográfico da região. “Outra mudança a se notar é na tendência à diminuição do volume e da vazão de água nos reservatórios e afluentes”, explica o ecólogo.

Ele alerta que, além da vegetação, os brasilienses também precisam ir se adaptando com o clima ficando menos úmido. “É importante que a população busque tomar mais água: dado à seca, que vai tomar força até o inverno, há uma diminuição drástica na umidade relativa do ar, o que acarreta em uma alta incidência de doenças respiratórias e alérgicas”, enumera.

Previsão do tempo

Para este fim de semana, a previsão é de tempo mais firme. “Há apenas pequenas chances

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Com a diminuição das chuvas, o tempo firme e mais seco permite bons momentos de observação do céu e da lua Brasília

para pancadas isoladas hoje e fracas na parte oeste do Distrito Federal, especificamente em Brazlândia, na divisa com Águas Lindas de Goiás. No restante do DF, a expectativa é de céu predominantemente ensolarado e temperaturas mais elevadas para despedir o verão”, explica.

A temperatura máxima hoje

pode chegar aos 30°C, com mínimas marcando 18°C. A umidade relativa do ar pode variar entre 35% e 90%. No domingo, os termômetros devem marcar até 31°C, com mínima de 18°C. A umidade varia entre 35% e 90%. A umidade relativa mínima pode se dar à tarde, como explica o meteorólogo: “O cessar das nuvens de chuva

justifica o aumento das temperaturas, quando essas se dissipam. Com temperaturas mais altas à tarde, as nuvens não conseguem se formar. Isso explica o porquê de não termos nenhuma possibilidade de chuva na segunda-feira, por exemplo”, declara.

Para o começo da semana, os termômetros podem variar

entre 18°C e 31°C, com umidade relativa entre 35% e 85%. O cenário contrasta com as precipitações de maior grau do último fim de semana, provando que famosas “águas de março” cumpriram seu dever.

*Estagiário sob a supervisão de Juliana Oliveira